# PRÓLOGO

## DOSE TRIPLA

Quando se fala em arte eu penso em poesias e por uma inexplicável razão todas as vezes que estou preparando um prato principal, daqueles pratos que a gente e se orgulha, quando começo a separar os ingredientes parece que os mesmos formam rimas como se fosse uma poesia de aromas, cores e formas.

Não é à toa que o cozinhar é apelidado de arte culinária, realmente sinto que o preparo de um prato é uma arte.

Por essa razão eu resolvi escrever um livro onde procurarei contar um pouco da minha vida, dos meus sonhos das minhas desilusões (foram muitas) das lições que se pode tomar pelas interferências havidas, também colocarei algumas das minhas receitas prediletas e irão aparecer intercaladas com algumas poesias vamos brincar de dose tripla... Vamos contar, vamos rimar, vamos misturar, vamos cortar, vamos mexer... Voltamos a rimar, vamos recitar, vamos entrar na brincadeira... Não sei se vai dar certo mais tenho certeza que será muito divertido eu pelo menos vou me divertir muito e espero que vocês possam usufruir comigo esta brincadeira.

Vou colocar as melhores receitas que eu conheço são receitas que eu aprendi com minha avó Mariquinha (a Vó Gorda) que era de Minas Gerais aqueles pratos mineiros as quitandas e biscoitos de polvilho... O leitãozinho pururuca as pamonhas... Não tenho razão em considerar essas maravilhas como uma arte verdadeira?

Por outro lado a Nona italiana (Vovó Vivi) com aquelas macarronadas, as bracholas, aquele molho vermelho, salpicado de Mangerona, a casa toda com o aroma do prazer...

Esta é, pois uma tentativa de fazer arte em dose tripla: arte de narrar, arte de rimar palavras e a arte de rimar ingredientes vamos ver o que vai sair dessa brincadeira eu vou iniciar com uma das poesias que considero ter sido a melhor inspiração que Deus me deu, ela é uma simples e singela história. A história de minha própria infância e tenho certeza que vocês se identificarão com ela, pois ela relembra a infância de muitos de vocês

E como vamos falar de comidas, vou repassar um e-mail que recebi, não sei quem é o autor, já que veio anonimamente, mas achei deveras interessante e parabéns ao mesmo:

*Pergunta:*

*Alguém sabe me explicar, num português claro e direto, sem figuras de linguagem, o que quer dizer a expressão "no frigir dos ovos"?*
*Resposta: Quando comecei, pensava que escrever sobre comida seria sopa no mel, mamão com açúcar. Só que depois de certo tempo dá crepe, você percebe que comeu gato por lebre e acaba ficando com uma batata quente nas mãos. Como rapadura é doce, mas não é mole, nem sempre você tem idéias e pra descascar esse abacaxi só metendo a mão na massa.*
*E não adianta chorar as pitangas ou, simplesmente, mandar tudo às favas.*
*Já que é pelo estômago que se conquista o leitor, o negócio é ir comendo o mingau pelas beiradas, cozinhando em banho-maria, porque é de grão em grão que a galinha enche o papo.*
*Contudo é preciso tomar cuidado para não azedar, passar do ponto, encher lingüiça demais. Além disso, deve-se ter consciência de que é necessário comer o pão que o diabo amassou para vender o seu peixe. Afinal não se faz uma boa omelete sem antes quebrar os ovos.*
*Há quem pense que escrever é como tirar doce da boca de criança e vai com muita sede ao pote. Mas como o apressado come cru, essa gente acaba falando muita abobrinha, são escritores de meia tigela, trocam alhos por bugalhos e confundem Carolina de Sá Leitão com caçarolinha de assar leitão.*
*Há também aqueles que são arroz de festa, com a faca e o queijo nas mãos, eles se perdem em devaneios (piram na batatinha, viajam na maionese... etc.). Achando que*

*beleza não põe mesa, pisam no tomate, enfiam o pé na jaca, e no fim quem paga o pato é o leitor que sai com cara de quem comeu e não gostou.*
*O importante é não cuspir no prato em que se come, pois quem lê não é tudo farinha do mesmo saco. Diversificar é a melhor receita para engrossar o caldo e oferecer um texto de se comer com os olhos, literalmente.*
*Por outro lado se você tiver os olhos maiores que a barriga o negócio desanda e vira um verdadeiro angu de caroço. Aí, não adianta chorar sobre o leite derramado porque ninguém vai colocar uma azeitona na sua empadinha, não. O pepino é só seu, e o máximo que você vai ganhar é uma banana, afinal pimenta nos olhos dos outros é refresco...*
*A carne é fraca, eu sei. Às vezes dá vontade de largar tudo e ir plantar batatas. Mas quem não arrisca não petisca, e depois quando se junta a fome com a vontade de comer as coisas mudam da água pro vinho.*
*Se embananar, de vez em quando, é normal, o importante é não desistir mesmo quando o caldo entornar. Puxe a brasa pra sua sardinha, que no frigir dos ovos a conversa chega na cozinha e fica de se comer rezando. Daí, com água na boca, é só saborear, porque o que não mata engorda.*
*Entendeu o que significa "no frigir dos ovos"?*

# Capítulo I

**Uma história... apenas uma história**.

Laport

*Nossa história é uma prosa não uma rima.*

*Não tem herói nem heroína,*

*Mas começa perto de uma esquina, que um dia*

*Fazolini cantou e imortalizou:*

*"Alguma coisa acontece no meu coração".*

*Na esquina da Ipiranga e da Av.São João...*

*Ela era apenas Maria, mas poderia ter sido Angela, Carmem ou Sylvia.*

*Mas era Maria, nome mais lindo do mundo, nome da mãe de Jesus...*

*nome da mãe de cada um de nós, mesmo quem não tem mãe Maria,*

*todos tem em Maria uma mãe, todos dizem num momento de agonia:*

*Nossa Senhora, Minha mãe. Dai-me uma luz!!!*

*- Seu guarda, por favor uma informação.*

*Disse a moça sem malícia.*

*- Seu guarda não, eu sou Policia..!!!*

*Responde ofendido o cidadão.*

*Minha memória volta ao passado, num Domingo muito longínquo*

*De mãos dadas entre papai e mamãe, um pequeno menino*

*Caminhando alegre sentindo total proteção*

*que gostoso calor daquelas mãos...*

*Filho se você por acaso se perder de nós, procure um Guarda.*

*Aqueles moços vestidos com farda Azul Marinho, apontava com o dedo*

*São da Guarda Civil, são pessoas de confiança, procure sem medo.*

*Diga seu nome e seu endereço... você se lembra veja se não esquece*

*R.Major Maragliano em Vila Mariana ... a casa você conhece...*

*Quanto a gente confiava nos guardas, fazíamos questão*

*De cumprimenta-los, estender a mão*

*Recebíamos de volta sorriso gentil e orgulhoso*

*Do cidadão correto que se orgulhava de sua posição*

*Que gostava de ser chamado de "seu guarda" pois isso representava*

*Cumprimento de sua função.*

*Por que, eu me pergunto, os policiais de hoje*

*Sentem-se tão ofendidos quando chamados "seu guarda"*

*Já pensaram os nobres representantes da lei o quanto de carinho encerra o termo*

*que tanto repudiam?*

*Seu guarda, meu guarda, meu amigo, meu protetor ...*

*Aquele cidadão em quem confio, que dedicou sua vida a proteger o cidadão,*

*Coloca sua própria vida em risco, dedicando-se de todo coração....*

*Por isso que insisto na minha afirmativa:*

*Ser chamado de "Seu guarda" é muito mais honroso*

*E muito mais carinhoso*

*Do que ser chamado simplesmente de Policia.*

*E minha memória retorna para aquela casa de suco ao lado da Exposição*

*Em que eu, Paulistano criança, andando pela R .São Bento*

*Tomava um de Morango e um sanduíche de lingüiça bem grandão*

*Ou um chá das cinco (como S.Paulo andava lento !!!)*

*Na leiteria Itamarati com  a Tia Mariazinha, tia minha do coração!*

*Caminhando pela R.Direita, olhando vitrines coloridas de todos os tons*

*Slloper, Casa Alemã, a parada obrigatória na casa Manon*

*Comprar uma partitura que Tia Mariazinha levava para executar*

*E transcrevia  "facilitada" para eu poder tocar.*

*Casa do dois mil reis!  Que saudades! Um cheirinho particular inesquecível!*

*Os tais de um e noventa e nove, não são portanto moderna invenção.*

*Sorvete, Cachorro Quente, Meia de seda, brinquedo de plástico, avião..*

*Tinha tudo na casa dos 2 mil reis: panela, talher, tudo, incrível !!*

*Caminhando tranqüilo, por qualquer rua, sem medo de assalto,*

*Pobre Paulistano, nos dias de hoje não olha pro lado, só anda em sobressalto*

*Que aconteceu com minha querida São Paulo? Por que ficou tão má?*

*Onde está o vendedor de bilhete de Loteria : Olha a borboleta 13 ... Galo com 51...*

*O vendedor de "remédios milagrosos" mostrando uma velha sucuri no viaduto do chá*

*Até a famosa Garoa Paulistana sumiu, evaporou.*

*Será efeito da famosa poluição? O que se passou?*

*O relógio da Praça da Sé, o marco Zero .....*

*Vamos filho, vamos pegar o Bonde aberto.*

*Posso sentar na ponta Papai?*

*Pode, mas não largue da minha mão, senão você cai.*

*E o inesquecível cobrador "Jacaré", pendurado no balaústre a gritar seu refrão*

*-Vamos pagando minha gente é só duzentos réis, e basta*

*E de vez em quando puxava as correias de couro encardidas e gastas*

*para marcar as passagens pagas dizendo com graça sem fim:*

*-Vamos pagando minha gente.... din,din , din dois pra "Light" e um pra mim....*

*Sentado feliz com meu pai ao lado*

*ia lendo os anúncios da época:*

*"Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro*

*Que o senhor tem à se lado*

*No entanto acredite, quase morreu de Bronquite.*

*Salvou-o Rum creosotado."*

*Ou um Fígado Verde varado de espinhos que dizia:*

*Elixir de Capeba, a vida de seu fígado.*

*Ou ainda uma fila enorme de figuras magras e baixas*

*Empurrando moedas em direção  ao prédio da Caixa*

*Escrito no rodapé do figurão:*

*De Tostão em Tostão sem faz um Milhão!*

*E com muita alegria, anos depois,  encontrei muitas vezes o mesmo Jacaré,*

*Trazendo uma mensagem do Senhor, uma mensagem de Fé*

*Pelas  casas noturnas, pelos bares da noite, sempre a sorrir, com sua boca*

*enorme*

*Já bem mais velho aposentado, por que não?*

*Correndo de mesa em mesa, vestido com a farda do Exército da Salvação*

*Minha São Paulo, querida, que saudades tenho de você!*

*Ou será  que tenho de mim criança, quando eu  vivia ali com tantas lembranças?*

*Da Feira de amostras da Galeria Prestes Maia, na Praça do Patriarca.*

*Do congresso Eucarístico de tanta pujança.*

*Do bar viaduto com sua orquestra  que minha vida tanto marca*

*No portão de minha casa, esperando todos os dias,*

*Vinha o padeiro com sua cesta, com pães cheio de magias.*

*O filão, o pão sovado, o pão doce cheiroso e recheado*

*pode escolher freguesa está fresquinho, leva o  biscoito amanteigado.*

*Trazendo verduras fresquinhas, o verdureiro com seu carrinho de mão,*

*Apanhadas agora a pouco freguesa, olha o alface,chicória e pimentão.*

*Ainda molhadas de orvalho, verduras sem agrotóxico, rabanetes, brócolis, agrião.*

*E uma vez por semana, aquilo era sagrado.*

*Na sua carrocinha fechada puxada por um cavalo.*

*Ali vinha o tripeiro,  tocando sua corneta e gritando seu refrão:*

*-Olha  a tripa freguesa, limpinha e sem preguiça*

*Olhe o lombinho escolhido, prepare a sua lingüiça.*

*Tenho também frango vivo, ovo e galo capão.*

*Em todas as semanas, numa tarde determinada*

*Juntava toda criançada*

*Lembro-me com alegria, correndo a pé.*

*Atrás de um pequeno caminhão, carroceria em forma de bule de café.*

*Sua buzina tocando, música igual e sem fim:*

*E a criançada cantando, o refrão parodiado, mais ou menos assim:*

*"Café Jardim... Café pra mim... não é feito de capim....*

*Aos Domingos almoço no Giggeto, macarrão é claro!*

*Ali perto da Rua Santo Amaro.*

*Ou então rodízio Sírio no Almanara, pra variar.*

*Em São Paulo comida de todo mundo, vai encontrar.*

*Depois do almoço um cinema ali no centro, obrigatório Paletó, gravata e camisa*

*de manga.*

*Podia escolher: Metro, Brodway, Marrocos, República ou Ipiranga*

*Neste último antes de começar a sessão, como por magia,*

*Um órgão com um artista no meio do palco subia*

*E para deleite de todos, antes do filme começar a rodar*

*Uma peça musical era executada com talento de pasmar.*

*E hoje minha São Paulo querida,*

*Eu fico triste de te ver tão triste, invadida.*

*Por tanta imundice, por tanta violência.*

*Onde anda, eu pergunto ao poeta maior, na sua paciência. .*

*Guilherme de Almeida, meu poeta por excelência.*

*Onde anda minha "Bandeira das treze listas",*

*Onde as treze lanças de guerra no coração dos Paulistas ?*

*Paulistas que como eu , fui obrigado a imigrar.*

*Deixando sua casa querida, nas mãos de quem quisesse tomar.*

*Não mais agüentei o transito, o perigo o desalento.*

*Vizinho é desconhecido; amigo, inimigo ou ex-detento?*

*Pobre Paulistano nos dias de hoje não olha pro lado*

*Só anda em sobressalto sempre assustado,*

*Com medo de ser assaltado.*

*Cansei de chegar em casa e ficar atrás de grades e de alarmes.*

*São Paulo, minha São Paulo, acabaram com seu charme !*

Ao lembrar o Almanara, ali na Rua S. Andre, vem à minha mente o rodízio de pratos árabes que eram servidos... Sfiha, Kibe de Bandeja, Kibe cru, Homus, Babaganuchi, charutos de folha de uva, lentilha com arroz que eu não comia de jeito nenhum, pois o nome do prato é “mijadra”... E tantos outros, a gente ficava sentado em volta da mesa e lá vinham as especialidades... Por isso vou passar a receita de um dos menos conhecidos e em minha opinião um dos mais saborosos: o Babaganuchi ou Pasta de Berinjela experimente e não se arrependerá:

*Babaganuchi*

*Ingredientes:*

*2 berinjelas médias*
*3 dentes de alho bem socados*
*1 colher de chá rasa de sal*
*3 a 4 colheres de sopa de tahine*
*suco de 1/2 limão.*

*Queime as berinjelas no queimador do fogão até ficarem murchas. (Se estiver com a churrasqueira acesa, pode queimar no carvão que fica melhor ainda)*

*Tire a casca e amasse a polpa com um garfo (em um pirex). Acrescente os condimentos, misture bem, polvilhe com salsinha picada, regue com azeite, e sirva frio, com pão árabe.*

Bem, depois de comer estas delicias, a gente ia ao campo ver o mais querido jogar, num tempo em que o Pacaembu era freqüentado por homens, mulheres e crianças, os amigos torciam pra times diferentes, mas sentavam juntos, não havia briga ou discussão, apenas as brincadeiras de praxe e ainda o sorteio do palito de fósforo numerado, cada um apostava 500 reis e tirava um palito, o numero era de 2 a 10, o numero do jogador que fazia o primeiro gol do jogo, dava o premio a quem tinha tirado o palito com esse número. O numero 1 não entrava no sorteio, pois o Rogério Sene ainda não havia nascido nessa época...

## Capitulo II

Um pouco de história familiar

Eu sempre me achei uma pessoa comum, uma criança muito feliz, com pais maravilhosos, e com uma educação esmerada, que aprendeu desde cedo os princípios das boas maneiras: como comportar-se na mesa, na sociedade, enfim tudo aquilo que é fundamental para uma boa educação.

Sendo filho único e ainda morando com meus pais e meus padrinhos, logo após meu nascimento, meu padrinho era um médico de renome em S.Paulo os filhos dele, que já eram adultos quando nasci me adotaram como um irmão caçula e assim era paparicado por uma gama enorme de pessoas...

Meu avô paterno, fazendeiro e com o título de Coronel da Guarda Nacional, com direito a fardão e espada, era também um homem de posses, dono de uma fazenda de 400 alqueires em S.José dos Campos, onde hoje é um bairro da cidade chamado V. Cândida, em homenagem a minha avó Maria Cândida e meu avô Silvestre Candido.

Meu pai apesar de se criado na fazenda, trabalhando como peão, pois meu avô exigia isso dos filhos, para que aprendessem o valor do trabalho, mas tinha o que chamamos de educação de berço digno de um nobre.

Eu me lembro que o velho Coronel, apesar do calor da cidade, exigia que todos os filhos sentassem-se à mesa de paletó. Só começassem a comer apos todos estarem servidos e outros requintes desse tipo.

Um dia, meu pai que estava então com 17 anos, ajudava meu avô a cobrir um rancho de sapé... Meu avô em cima do telhado arrumando o sapé, meu pai embaixo, fazendo as touceiras e jogando para ele.

Meu avô dizia:- Pega quantidade maior João!

E meu pai juntava o maço e atirava para o telhado.

- João deixa de preguiça, faz maço maior, moleque.

Meu pai que era um caboclo forte, com mais ou menos 1,78 m. de altura, juntou uma quantidade bem grande de sapé e gritou: - Pega pai!!!!

Pimba, o sapé pegou no peito do coronel que despencou lá de cima do telhado, com sapé e tudo. Foi um instante se levantar, pegar no “rabo de tatu” e sair correndo atrás do Joãozinho.

Meu pai nem olhou pra trás, correu da fazenda, com a roupa do corpo, pegou o trilho da Central do Brasil que passava próximo e foi embora andando a pé mesmo, e foi parar em Caçapava e lá diretamente para o 6º RI, onde se apresentou como voluntário.

Engajado foi lutar nas forças paulistas, na Revolução Constitucionalista de 1932, em que São Paulo sozinho, contra o resto do Brasil, lutava para defender a constituição que o Sr. Getulio queria rasgar. Mas Isto é outro problema que não nos diz respeito. São Paulo perdeu a revolução, mas a constituição não foi rasgada, daí orgulho que nós paulistas temos pela data de 9 de Julho e pela sigla MMDC, homenagem aos quatro primeiros heróis paulistas a tombarem pela revolução: Martins, Miragaia (que era de S.José) Dráuzio e Camargo.

Depois de cinco anos servindo no exercito, tendo recebido inúmeras medalhas de esporte, como corredor de 100 e 200 m. Emérito jogador de basquete (na época 1,78 era gigante!!!!), Jogador de Vôlei, saltador em altura inclusive com salto de vara,

deu baixa para se casar, tendo levado para casa mais de 200 medalhas e o diploma de Prof. de Educação Física, que na época era concedido pelo exército, pois não havia ainda faculdade de Educação Física como hoje.

Assim dia 8 de Setembro de 1937, meu pai casou-se com uma jovem de Caçapava, chamada Anita, que conhecera em 1936 no Carnaval; ela e ele fantasiados de chinês. E como meu pai brincava:

-Me fantasiei uma única vez na minha vida e nunca mais tirei a fantasia...

Logo após o casamento foram para Cabriúva, próximo a Itu, onde meu Padrinho Penino, tinha uma fazenda e convidou meu pai para administrá-la.

Ele imediatamente começou a trabalhar plantando cana de açúcar e montou um alambique onde fabricava uma pinga que ficou famosa na região, até hoje conhecida por sua excelência.

Com isso a fazenda valorizou muito e apenas 8 meses depois apareceu uma companhia que fez uma oferta irrecusável pela fazenda. Meu padrinho, claro, vendeu.

Na véspera do meu nascimento dia 4 de Junho, entregaram a fazenda, por pouco não sou cabreuvano!!! No dia seguinte, 5 de Junho, quando nasci,me tornando tri- paulista, pois nasci no Estado de S. Paulo, na cidade de S.Paulo e ainda na AV. Paulista, meu pai me registrou e imediatamente me colocou como sócio do S.Paulo F.C.

Tinha que ser né? Graças a Deus, escolha maravilhosa...

Nessas alturas, meu pai desempregado, recebendo porem todo apoio do meu padrinho, indo inclusive morar na casa dele, enquanto se ajeitava na vida. Foi trabalhar na Cia de Cigarros Sudan, como vendedor em todo estado de S.Paulo

Uma vida sacrificada, já que viajava a semana toda, vendendo cigarros em todos os rincões do estado. Saia na 2ª e voltava na 6ª à noite, dirigindo o furgão repleto de cigarros por tudo quanto é estrada. E pior que o salário era muito pouco para sustentar uma família, pagando aluguel e demais compromissos, por isso permanecia morando na casa dos padrinhos, enquanto tentava melhorar de vida.

O Coronel Silvestre, nessas alturas com quase 68 anos de idade, cismou de trocar os 400 alqueires de fazenda, totalmente formada, com cerca

de 200 vacas holandesas puras, produzindo uma média de 30 litros (isso mesmo 30 litros!) de leite por dia em 2 tiradas, com 200 alqueires de invernada de capim gordura.

Uma casa sede maravilhosa de cinco quartos e mais 22 casas de alvenaria para colonos. O rio Paraíba passando na porta e o rio Paraibuna passando atrás, todo esse tesouro trocou por 4.000 alqueires de terra bruta, no norte do Paraná onde hoje é a cidade de Londrina.

Ocorre que naquela época a palavra do chefe era lei e ninguém dava palpite. Fechou o negócio por sua conta e risco com um conhecido cidadão chamado Moisés Lupion, simplesmente o maior “grileiro” de todos os tempos no Brasil.

Imagine caro leitor que a burrada já começou pelo fato de uma pessoa de 68 anos, querer recomeçar a vida num local novo, selvagem e agreste, sem qualquer tipo de infra-estruturar e ainda com a intenção de plantar café... Sem se lembrar que a 1ª colheita só aconteceria 10 anos depois... Se ele ainda estivesse vivo, aos 78 anos, coisa pouco comum nessa época em que a vida média dos homens era de 55 anos.

Pior, como vocês já perceberam, as tais terras eram griladas, simplesmente não existiam e o

Coronel Silvestre simplesmente perdeu numa única assinatura seu patrimônio de inestimável valor.

Restaram para ele umas terras selvagens no município de Buquira Grande (hoje Monteiro Lobato) e uma casa na cidade que ele havia comprado para as ocasiões que precisava passar algum tempo em S. José.

Meu pai continuava trabalhando e lutando e nessa ocasião iniciou-se a 2ª guerra mundial, assim que o Brasil entrou na guerra meu pai, com o espírito patriótico que Deus lhe deu se apresentou como voluntário. Seu engajamento foi negado (Graças a Deus) pelo fato de ser casado e pai...

O João Lázaro conseguiu um emprego na CVB, Cia de Vidros do Brasil, com a vantagem de vender vidros somente na capital e seus arredores, não precisando mais viajar.

Nessa mesma época meu padrinho comprou o Colégio Ipiranga, no bairro do Paraíso em S.Paulo e convidou meu pai para dar aula de educação física no período noturno, ele tinha o curso feito no exercito, nessa época não existia faculdade de educação física; ele claro aceitou e com esses novos empregos pôde alugar uma casa, próxima da casa dos meus padrinhos. (Exigência que fosse próxima e um compromisso que me levassem todos os dias

na casa deles, pois minha madrinha Tereza chorava se eu ficasse um dia longe)

Em 1942, meu pai que tinha apenas o curso primário, resolveu crescer na vida e no próprio Col. Ipiranga, começou a fazer o ginásio, trabalhando de dia e estudando à noite

Assim foi que em 1945, formou-se no Ginásio e começou imediatamente a fazer o Clássico, curso específico na época para quem quisesse fazer Direito ou Letras.

Nesse mesmo ano o meu avô Cel. Silvestre veio a falecer, deixando as terras do Buquira que mencionei, como única herança. As quais foram vendidas, cabendo a cada filho 10 mil cruzeiros.

Meu pai com esse dinheiro entrou como sócio com meu tio Milucho, irmão de minha mãe, e montaram uma fabrica de objetos de madeira, mas como o tio que era engenheiro da telefônica, não tinha tempo para trabalhar na fábrica, acabou vendendo para meu pai a parte dele.

Como único proprietário, resolveu comprar umas máquinas e montou uma tornearia de madeira, sendo que contratou uns 10 jovens do Instituto de Pesquisas de Menores, que na época oferecia um estudo profissionalizante, jovens entre 15 e 18 anos

que tinham todo apoio e inclusive podiam fazer um “pé de meia” que lhes permitiria, ao se tornarem maiores, terem um patrimônio para iniciarem sua vida.

Era um projeto maravilhoso, pois dava aos jovens órfãos e sem família, uma oportunidade para vencerem na vida, através de apoio e profissão. É uma pena que hoje projetos desse naipe não mais existam...

Começou logo a fabricar carretéis de madeira para fiação de seda, mas os referidos carretéis apresentavam um defeito, entre o eixo central e as rodas laterais que eram presas na máquina, por melhor que fossem coladas, dada a alta velocidade com que elas giravam, um fio de seda se prendia nessa junção e cerca de 20% da seda se perdia.

Meu pai um dia lendo uma revista italiana, descobriu uma fábrica chamada Romi (a mesma da Romi- Iseta) que fabricava um torno automático. Mais que depressa providenciou a importação de um. Lembro-me bem da estréia: seu João todo feliz, colocou um tarugo de madeira no torno reluzente e começou a experimentar a nova máquina. O tarugo de madeira, porém, não estava bem preso e saiu voando do torno e atingiu meu pai bem acima do

lábio superior... Vixe !!!! Foi uma sangueira só! Ficou uma linda cicatriz, que obrigou meu pai a usar bigode pelo resto da vida!

Mas os carretéis feitos de uma só peça foram um sucesso, a tornearia passou a fornecer para todas as fiações de S.Paulo e inclusive de outros estados.

Aí foi o ápice; subida rápida de vida. Fomos morar numa bela casa na Av. Paulista quase esquina da Brig. Luiz Antonio.

Em 1947 meu pai formou-se no clássico e resolveu estudar direito. Achou que não tinha capacidade para entrar na faculdade de S.Francisco e resolveu ir para Niterói no Rio e deixando a indústria aos cuidados do Gerente, para quem a fim de incentivar, deu de presente 10% da empresa, e foi tranqüilo para o Rio, onde passou cerca de um mês para fazer o vestibular. Conseguiu passar muito bem e se matriculou na Faculdade de Direito de Niterói na qual os alunos tinham freqüência livre, tendo porem que prestar exames semestrais em Junho e Dezembro de cada ano.

Ao voltar para S.Paulo, a surpresa: o tal de gerente e agora sócio, achou-se no direito de não mais trabalhar, sempre de gravata chegava de manhã na fábrica para abrir voltava as 6 da tarde

para fechar. Resultado: na mão de garotos de 15 a 18 anos, as peças passaram a ser feitas com defeitos e simplesmente devolvidas.

Nessa época me lembro bem, que meu pai jogou no lixão, cerca de 5 caminhões de peças estragadas, um prejuízo avaliado na época de 3 milhões de cruzeiros, dinheiro suficiente para comprar cerca de 20 carros zero quilômetros.

Vendeu tudo que possuía para pagar os fornecedores, sobraram tão somente os móveis de quarto do casal e minha cama. Fomos morar numa pensão na Av. Brig. Luiz Antonio.

O que me chama atenção até hoje, que apesar do baque, jamais vi meu pai triste ou chorando, ele tinha a capacidade de absorver o golpe e com um sorriso de otimismo, que raras pessoas possuem, partia novamente para a luta.

Voltou a vender vidros, freqüentava á noite a Faculdade de Direito de S. Francisco, na condição de ouvinte, e assim foi tocando a vida.

Nessa época eu havia terminado o curso primário e o seu João, para quem educação não tem preço, com todo sacrifício do mundo me colocou no Colégio Arquidiocesano de S.Paulo, um dos

melhores colégios do Brasil e também um dos mais caros, na condição de semi-interno.

A comida do Arquidiocesano era bastante boa, a sobremesa porem (para um formigão como eu) era pouca. Como eu tomava uma gemada com dois ovos todas as manhãs, minha mãe guardava as claras e a cada três dias fazia uma fornada de suspiros, daqueles bem pequeninos. Colocava-os numa lata de Toddy vazia e eu levava na escola todo dia.

Após o almoço havia um tempo livre de 1 hora. Eu subia no muro no fundo do colégio e lá em cima para não ser incomodado, me regalava com os merenguinhos, sabor da infância. Que delicia!

*Receita dos merenguinhos*

*Ingredientes:*

*Claras de ovo batidas em ponto de neve.*

*3 colheres de açúcar por cada clara.*

*Raspas de casca de limão*

*Papel manteiga para forrar a forma.*

*Modo de preparo:*

*Após bater as claras em ponto de neve (não devem cair do garfo), se acrescenta o açúcar, 1 colher de cada vez sempre batendo (este é o segredo).*

*Depois de todo açúcar acrescentado, se coloca a raspa de limão. Vai pingando um a um sobre o papel nesse caso ele ficara oco, ou se quiser que não fique oco, coloque num saco plástico com a ponta cortada, vai encostando no papel e subindo.*

*Esquente o forno na temperara mínima e uma vez pré aquecido, coloque a forma e asse por quase 60 min. sempre no mínimo e coloque um pedaço de madeira na porta do forno para mantê-la com uma pequena abertura, assim os suspiros ficarão bem brancos e bem assados.*

Realmente o padrão de ensino do Arqui era maravilhoso. Tínhamos aula de tudo; alem do currículo normal, podíamos estudar música: piano, violino, canto, etc. Tínhamos já na época escolinha de futebol, aprendíamos até como chutar uma bola, aulas de Vôlei, Basquete, Esgrima e até aulas de teatro.

Eu me dediquei aos estudos de corpo e alma para justificar o sacrifício do meu pai, e creio que passei o ginásio inteiro fazendo parte do “quadro de honra”, tenho até hoje guardado os certificados que recebia. Estava sempre entre os 10 melhores da classe, com isso deixando meu pai feliz e orgulhoso, vendo que seu sacrifício não era em vão.

Uma coisa porem que me deixava inquieto era a nossa querida língua portuguesa, que apresentava regras algumas vezes esquisitas, mas de acordo com nosso “mestre” Professor Miguel Damiani, essas regras deviam-se às origens da língua, de conformidade com o Latim de onde deriva.

Eu, porém, fiz uma poesia de protesto que foi publicada na revista do colégio:

## *Esse Português!!!!!*

*LAPORT*

*Que a nossa língua é rica,*

*Disso ninguém duvida*

*Mas é difícil também...*

*Recheada de longas frases...*

*Tem acentos agudos, graves e crases*

*E regras que vão muito além!*

*Querem ver uma coisa só?*

*Porque Germano e Gerente é com Ge*

*E fica sem jeito escrever "geito" com Ge?*

*Essa é confusa de dar dó!!!*

*Diz que, quem manda é o Latim "jactu"*

*Por isso jeito é com jota*

*Estou ficando idiota?*

*Isto é o "sensu-latu"*

*Mas Jesus se escreve com jota*

*E Genésio se escreve com o que?*

*Claro esta que é com Ge.*

*Aiiiii! Estou ficando caduco, assim!*

*Socorro!!! Não sei a que me apegar*

*Decorar todo o Grego e todo o Latim?*

*Vixeeee!!! Isso é coisa de amalucar!!!*

*Vejamos a combinação, da letra Ge com o E*

*Se não tem o U no meio, Ge continua ser!!!*

*Mas existe a letra jota, pra que vamos complicar?*

*Soja escreve com jota, Sorgo escreve com Ge*

*"Mejera" deveria ser com jota, e com g seria "meguera"*

*Mas porque se o Ge vai pro meio começa tudo mudar ?*

*A mesma coisa acontece quando se usa o xis*

*Se escrevo: quero um xarope pra tosse*

*O que muda (a não ser o sabor) quando se diz...*

*Quero um Champagne no rega-bofe?*

*Pior era antigamente, quando a "machina" era assim*

*E se vinha então da China, era coisa de aprendiz*

*E na "Pharmacia" da esquina*

*Havia sempre um almofariz*

*E assim, quem sabe um dia, o mundo inteiro vai conhecer*

*A riqueza do nosso idioma, e, língua universal vá ser*

*Porque como país, já somos nata do  mundo ...escol*

*Celeiro do planeta, pulmão da humanidade... A capital do sol*

*Vamos pleitear a reforma, da nossa kerida língua?*

*Pra que escrever Casa assim se acim Kaza poderia cer ?*

*Deixemos o C como cê deixa o z como zê*

*O "esse" só pra plural o ch deixa a míngua...*

*É có kestão de kostume, novas regras cão bem-vindas*

*Xama, xarope, xinelo, o xis é uma letra linda ...*

*Xis é o ponto krítiko da toda noca (leia nossa)  kestão*